

18914

348



ARQUIVO

DA

CAMARA MUNICIPAL DE S. PAULO

Secção..... Gaveta.....

Objectivo: Requerimento n.º..... de 1 - 4 - 1929.....

Correa Junior, offerecendo a venda de diversos exemplares do
livro de sua autoria, denominado "A alegria de ser criança",
á Camara Municipal de São Paulo.

Archivo, 30 de Abril de 1929

1929

CAMARA MUNICIPAL DE S. PAULO

Secretaria, 2 de Abril de 1929

PROTOCOLLO

92

fls.

162

N.º

65

CAMARA MUNICIPAL DE SAO PAULO



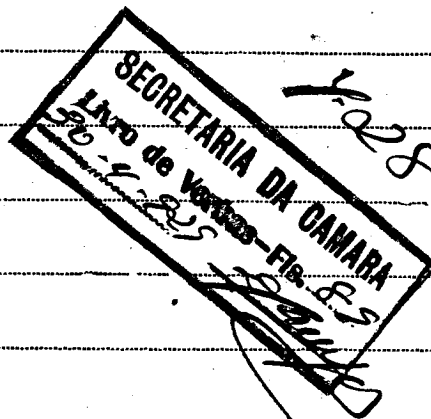
30 ABR 1929

ARCHIVE-SE

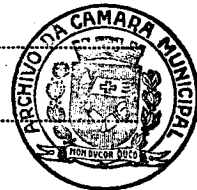
Promovente: Sr. Corrêa Junior

DIRECTOR GERAL

Objectivo: pedindo que a Camara adquira quinhentos exemplares do seu livro "A Alegria de ser Criança".



Andamento: Comissões de Justiça e Finanças.



Nota: - O livro "A Alegria de ser criança", acha-se na ultima gaveta do arquivo sob a guarda do sr. Campos Filho.

Decisão final:

Egregios Membros da Camara Municipal de São Paulo.
As Comissões de Justiça e
Finanças. — S. Paulo, 27/01/1929.
— Lin. Funes

O abaixo assignado, autor do livro "A Alegria de ser Criança", vem, mui
respeitosamente, solicitar a vossa esclarecida attenção para o seguinte:
ciente do alto proposito que preoccupa o espirito dos actuaes
legisladores municipaes, de pugnar em defesa da educação
intellectual e moral das crianças paulistas, dotando-as dos
elementos necessarios á consecução de tão nobre fim; e,
considerando que a aquisição de obras uteis, ao alcance
do entendimento dellas, pertence naturalmente ao programma
patriotico que vos tracastes, levando aos menores humilhes,
ensinamentos que concorrerão para tornal-os, tanto quanto
possivel, perfeitos, como cidadãos futuros do Brasil; e ainda,
considerando que o presente livro se incluye entre os que
visam cooperar nessa nobre finalidade, tendo obtido anima-
dores elogios, não só da imprensa, como de brilhantes edu-
cadores e intellectuaes paulistas — ousa o abaixo assignado
esperar que essa illustre Camara determine a aquisição de
quinhentos exemplares do referido livro, para o fim de serem
distribuidos entre os alumnos das escolas subvencionadas
pelo Municipio.

Nestes termos.

E. P. Mercê.

São Paulo, 27 de Abril de 1929.
Com. Funes





Commissão de Justiça e Policia

O distincto escriptor e poeta, sr. Correa Junior, autor do livro "A alegria de ser criança", offerece a venda á Camara de 500 exemplares do referido livro, pelo preço de 4\$ cada volume, para o fim de serem distribuidos entre os alumnos das escolas subvencionadas pelo Municipio.

As commissões de Justiça e Finanças, considerando que o livro citado tem obtido, de facto, merecidos elogios tanto da imprensa como de educadores e intellectuaes paulistas, autorizam o sr. Presidente da Camara a adquirir, pela verba "expediente" da Secretaria os 500 exemplares, pelo preço total de 2.000\$000.

Sala das Commissões, 12 de Abril de 1929.

Justiça e Finanças
Almeida
M. Pereira Netto

Prodr. Silveira

Excertaria, para providencias.

P. Paulo, 27 de abril de 1929
Luiz Freire
Pres.

Corrêa Júnior
a ALEGRIA
de ser
CRIANÇA



SOCIEDADE IMPRESSORA PAULISTA
EDITORA

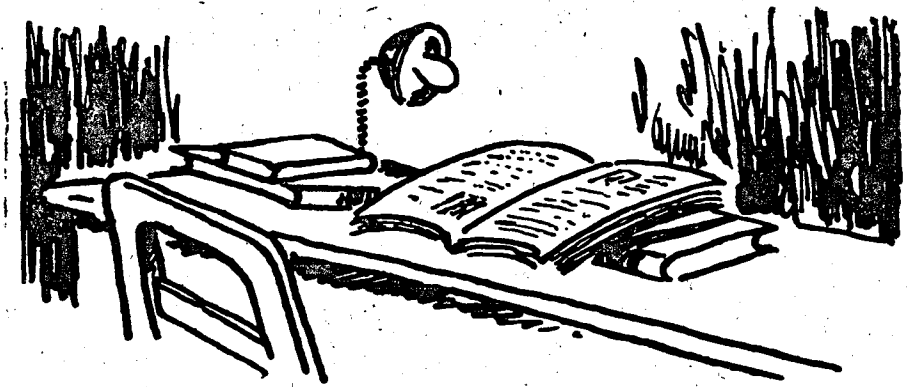
1929

*Aos dois grandes amigos das criancinhas
de São Paulo:*

*Dr. Pires do Rio, Governador da cidade,
e*

*D.^{na} Isabel von Ihering, directora da
"Tarde da Criança" — homenagem do*

Autor.



A MAE, meninos, a escola!

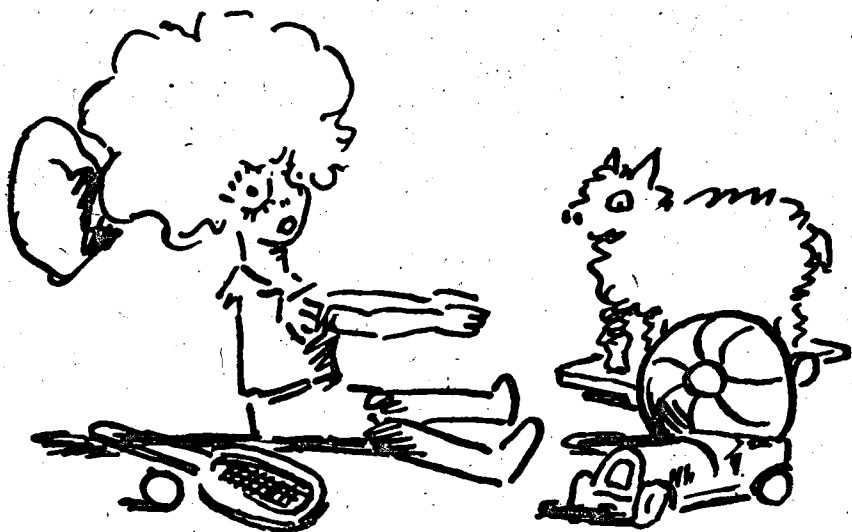
O livro as almas consola,
e é um grande bem a lição.

O mestre que vos ensina,
como um sol, vos ilumina
para os dias que virão.

Deixae que o estudo floresça,
que em cada infantil cabeça
accorde um patrio louvor;
que em cada alma de criança
desabroche uma esperança,
num sorriso promissor!

O livro, sincero amigo,
tem sempre aberto um abrigo
que á Bondade nos conduz.
E' nelle que a dôr se cala,
que apenas o sabêr fala,
que a treva aprende a ser luz...

Amae, na escola, esse guia
que, com suave energia,
das lêtras retira o véo...
A escola em templo se muda,
e a cada labio que estuda
Deus manda um beijo do céu!



Os meus oito annos

Eu tenho oito annos e uma porção de brinquedos.

O Mundo inteiro não vale os meus oito annos e os meus brinquedos.

Quando penso nos meus oito annos e nos meus brinquedos, eu me lembro daquelle senhor alto e magro, que usa roupa escura e oculos amarellos e que costuma dizer a Papae uma porção de coisas contra a Vida...

E eu sinto uma grande vontade de fazer que aquelle senhor tenha oito annos e uma porção de brinquedos, como eu...

Historia de Carnaval

Todos os annos, a Titia vestia-se de Pierrot. E sahia, num carro grande, com uma porção de gente vestida de Pierrot...

Mas, uma tarde, a Titia sahiu — e não voltou nunca mais!

O Carnaval sem a Titia vestida de Pierrot parece-me tão triste!...





EDMUNDO mora numa casinha pobre de arrabalde. Uma casinha tão humilde, que os seus companheiros têm vergonha de ir visita-lo...

Mas, Edmundo não se magôa com isso, não!

Elle sabe que nenhum palacio é, por dentro, mais feliz do que aquella casinha pobre de arrabalde...

O Ninho

JÁ viste um ninho?
Que linda cousa!
Nelle repousa
o passarinho.

Na terra inteira,
berço mais pobre
o céu não cobre,
dessa maneira!

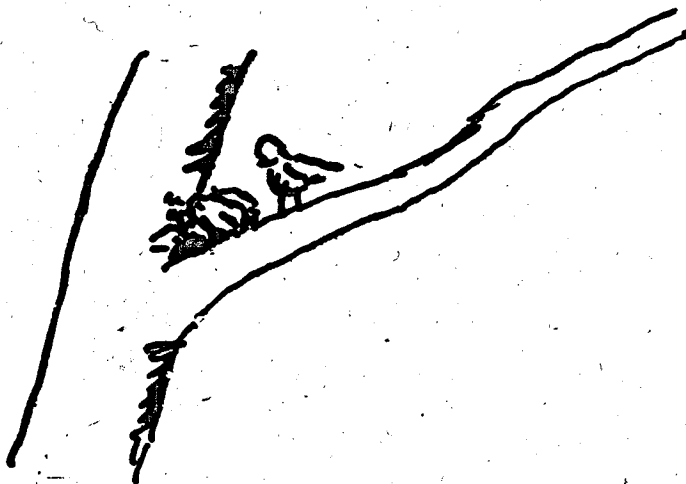
Cousa mais linda
(commigo penso)
no mundo immenso,
não houve ainda!

Na árvore quieta,
leve e risonho,
dir-se-ia o sonho
de algum poeta...

Si a doce brisa
por elle passa,
cheia de graça
então desliza...

Pensa, criança,
— que suave lenda
naquella tenda,
que o luar balança!...

O lindo ninho,
no Azul armado,
é o lar sagrado
do passarinho!



Finados

JOÃOSINHO foi com a Mamãe ao cemitério, no dia de Finados. Havia flores, como num jardim. Parecia uma festa... Mas, toda a gente estava triste. A Mamãe chorava:

— “Vamos, Joãozinho; ajoelhe-se diante do tumulto do seu Papae...”

Elle ajoelhou-se, admirado daquillo. Não comprehendia por que o Papae deixára a sua linda casa por aquelle pedaço de terra que o escondia do Mundo!...

Fazia um anno que o Papae tinha sahido de casa, dentro de um caixão doirado, carregado por quatro homens. P’ra onde tinha ido o Papae?...

Para o céu — disseram-lhe depois.

Joãozinho olhava o céu, todas as noites, e nunca vira o Papae.

Que viagem demorada!... Tudo aquillo era muito confuso, muito extranho e muito vago na sua imaginação...

— “Mamãe, deixa eu perguntar ao Papae que brinquedo elle vae me trazer do céu?...”

Disse; e continuou ajoelhado, esperando a resposta.



*J*OÃOSINHO ficou muito contente porque a Mamãe comprou um passarinho no mercado. O bichinho era um encanto. Cantava dentro da gaiola como si estivesse louco de alegria.

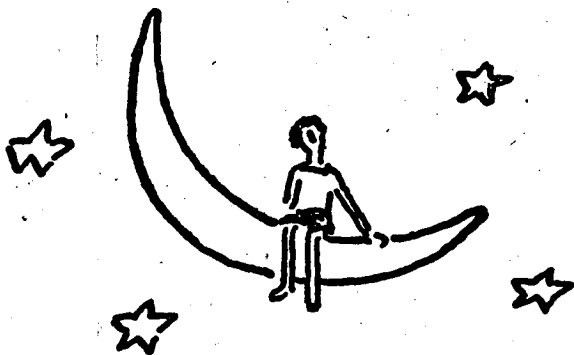
Quando Joãosinho voltou da escola, admirou-se de encontrá-lo ainda preso na gaiola, e pediu então:

— “Deixa-o sair, Mamãe! Ele já deu a lição d'elle, hoje de manhã...”

Raciocínio

A VÓVÓ-LUA não apareceu hoje. E as estrelas, suas netinhas, estão todas na janella do céu. Mas, amanhã, e depois, e durante muitas noites, a janella do céu vae ficar fechada...

Bem feito! P'ra que abuzam da bôa Vóvósinha?...





Sabedoria

*P*APAE, é verdade que os animais já falaram?

— Já...

— Como a gente, Papae?...

— Sim, como a gente.

— E agora, por que é que não falam mais?...

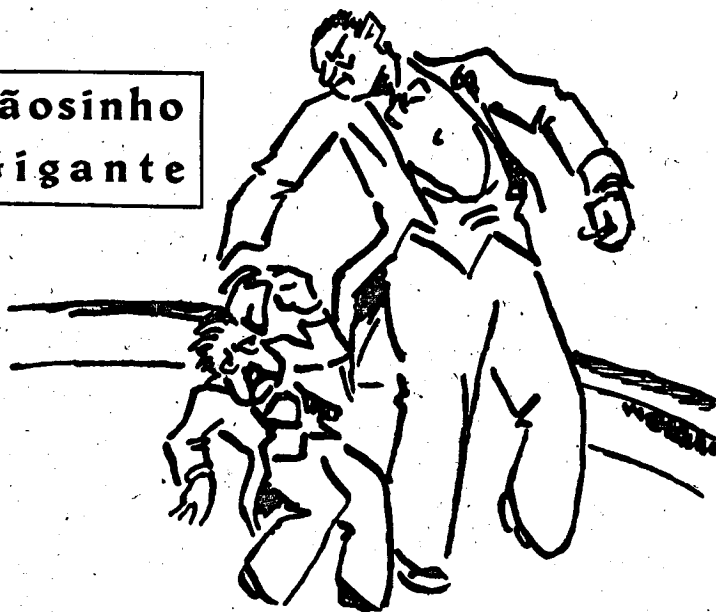
— Por que?... Ah! Porque estão pensando...

Remorso

Os meninos estavam brincando na calçada. Nisso, passou um velho mendigo, de sacola vazia e pernas tremulas, que parou, á distancia, a contemplal-os. Um delles, interrompendo o recreio, apontou com escarneo o velho mendigo. Os outros iam segui-o no motejo, quando o velho cambaleou e cahiu por terra.

E os meninos, assustados, sentiram no coração a sombra do primeiro remorso.

O Anãosinho e o Gigante



DE que você gostou mais, ontem, no
Circo?

— Eu? Do anãosinho.

— E eu, do gigante.

— Eu, não! O gigante é muito máo.
Deu tanto no anãosinho! Tive até raiva
delle...

— Mas, o anãosinho ganha dinheiro
p'ra apanhar do gigante...

— E ha muitos anõesinhos assim?...

Mappa-Mundi

Eu não tenho vocação para a Geographia. Ha quem affirme que a Geographia é uma sciencia e que o estudo dessa sciencia é de grande utilidade para os homens. Mesmo para os que não são caixeiros viajantes.

Conhecer a terra — dizia-me, certa vez, o professor — é uma obrigação de todos nós. E mostrava-me o Mappa-mundi:

“— Olha aqui a Europa. Estás vendo aquillo ali? é a França. Adiante, a Italia...”
Etc., etc.

Meu pobre professor! Enquanto falavas das outras terras, a imagem do Brasil enchia, aos meus olhos, o Mappa-mundi inteiro!...

As árvores

NUNCA as árvores destruas,
por mais pobres que ellas sejam!
Deixa-as em paz pelas ruas...
Cheias de folhas, ou nuas,
pedem braços que as protejam.

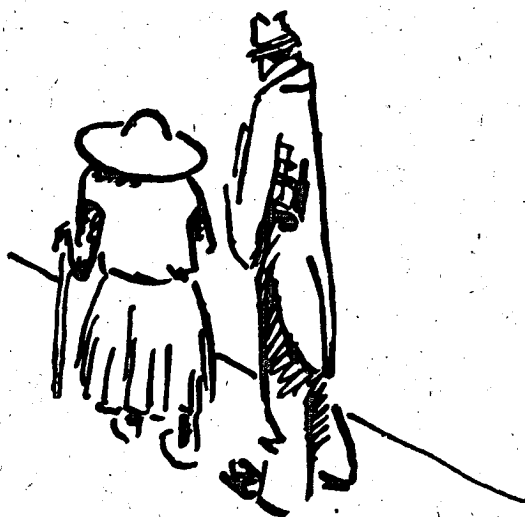
Que mal faz vel-as plantadas?
Dão sombra, paz e alegria;
e, até mesmo desfolhadas,
como boas camaradas,
dizem-nos sempre o "bom dia"...

São ellas como enfermeiras,
fieis, a olhar das encolhas
as criancinhas brejeiras,
cujas alegres carreiras
perfumam com as suas folhas....

Quando o outomno, a desvestil-as,
sobre os seus ramos impera,
— como ellas soffrem tranquill-as,
a rezar, em longas filas,
para a Santa Primavera!

E porque soffrem com calma,
e porque esperam sem queixas,
Deus faz, estendendo a palma,
que em todas renasça uma alma,
e cantem novas endeixas!

Typos da Rua



CADA cidade possui, ao lado dos seus homens eminentes, das suas figuras de relevo sócio, intellectual e politico, certos typos grotescos que se destacam da multidão por habitos e manias bem proximos da loucura. São criaturas, em geral, inoffensivas — pobres seres, de razão obscura, que perambulam diariamente pelas ruas, entre as risadas de uns, a indiferença de muitos e a piedade, certamente, de todos.

Quem não conhece a preta velha do pito, ou aquelle esguio e loiro allemão que atravessa as nossas ruas sobraçando velhos jornaes, e sempre sorrindo, sorrindo?...

Typos da rua... Nem sempre foram assim. Fossemos saber do seu passado, e veriamos que muitos delles guardam no peito um coração cheio de nobreza. Elles tiveram tambem os seus dias de paz e de felicidade.

E hoje, ao rolarem pelas ruas, como farrapos que a Vida leva, bem merecem, coitados! que um olhar de ternura os console dessa desgraça.

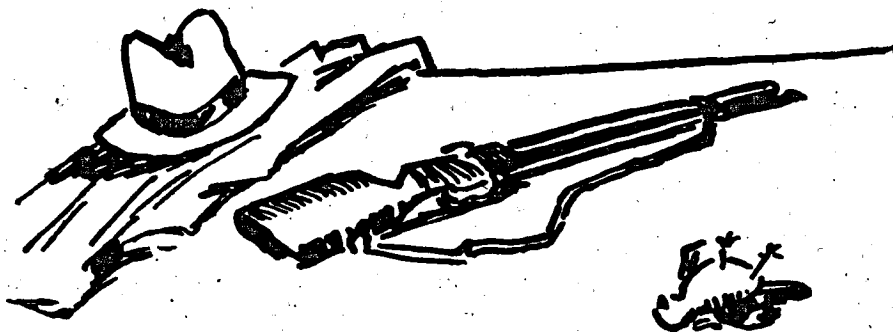
Destino

O passarinho fez um ninho no galho da árvore. Veiu um temporal, e — zás! — desmanchou todo o ninho.

Então, o passarinho, depois de muitos dias de trabalho, construiu outro ninho na mesma árvore. E vieram uns homens de machado em punho, e a árvore foi derubada.

Pensam que o passarinho se zangou? Paciência! Correu para o fundo da floresta e lá armou o seu terceiro ninho.

Nisso, apareceu um caçador perverso e acabou com a vida do coitado!...



Cantiga para embalar

A gente, quando morre, volta a ser criança,
a ter uma porção de brinquedos,
como na terra onde a gente foi menino...

Estás vendo aquella lua, redonda e clara,
lá em cima... lá em cima?...
Um dia, brincarás com ella,
como agora com a tua bola azul...

E terás tantas estrelas, tantas!
que sentirás pena dos meninos que deixaste
brincando com humildes bôlhas de sabão.

Serás, de novo, pequenino e innocente!
E ouvirás lindas historias de fadas,
contadas pelas outras crianças
que, ha millenios, moram no palacio da
Vóvó-Lua...

São Paulo

A MA com orgulho a tua cidade. Não só pela sua grandeza physica, pelo seu extraordinario progresso material — mas ainda, e sobretudo, pela poesia do seu destino. Considera que as cidades, como as criaturas humanas, não se devem medir pelo seu exterior, ou pela sua fortuna, mas principalmente pelo que de bello e de util realizam.

E pensa que, ainda sob tal aspecto, em nada é a tua cidade inferior a quantas a Civilisação tem creado.

Si estudares os grandes factos da historia brasileira, verás que São Paulo foi o berço da Independencia.

Sim; e continúa sendo uma lição viva de energia e de patriotismo.

Quem teve por berço uma tal cidade, por força deve sentir o orgulho e a alegria de servil-a.

O Lenço de sêda e o Lenço de algodão

(Fabula)

ERA uma vez um lenço que, por ser de sêda e ter nascido numa das mais ricas fabricas da Europa, entendeu de zombar de um pobre lenço de algodão que ao seu lado se achava, em um gavetão de certo guarda-roupa familiar.

— “Eu (blasonava para o outro o fidalgo) descendo de alta linhagem e, como tal, não me presto ao papel de servente, para o qual foram feitos os da tua raça. Emquanto vocês cuidam apenas da limpeza do seu dono, vivendo, a maior parte da vida, do nariz deste para a cesta da roupa usada, rolando entre a sujice e o esfregão da lavandeira, eu exerço uma funcção altamente decorativa, e passo os meus dias ora envolvido em perfumes, ora repousando á sombra deste gavetão.”

— “Amigo (interrompeu o lenço patricio) você pode ser muito fino, lá isso não

duvido; mas, fique certo de que não será melhor do que este seu criado. Para que serve o orgulho da sua nobreza, si nenhuma utilidade tem você que exceda a qualquer das minhas?

Lenço nasci, e lenço hei de morrer, enquanto que você não é bem lenço, nem bem outra coisa...”

*

Moralidade: quem diz o que quer, ouve o que não quer.



A lição do perfume

*A*INDA não chegaste ao jardim da tua casa, e já sentes no ar o perfume das suas flôres. Ellas estão á distancia, mas o seu espirito, que é o aroma, vagueia no espaço e penetra os teus pulmões, como uma doce carícia.

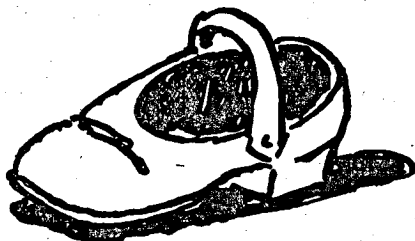
Assim, Deus, para o teu coração. Ainda estás tão longe da Sua morada — e a Sua bondade anda dispersa em tudo quanto te cerca.

N a t a l

Você nunca o viu?... E' um homem
velhinho, tão velhinho, que parece feito
de algodão...

Todos os annos, pela noite de Natal,
vae lá em casa levar-me uma surpresa.
Quando accordo, na manhã seguinte, en-
contro sempre um brinquedo novo no meu
sapato. Você precisa ganhar um brinquedo
desses...

— E' verdade. Quer emprestar-me
um sapato?...



O signal da Mentira

*H*ELENA estirou a mãosinha para que a sua Mamãe lhe cortasse as unhas, e ficou, muito attenta, a olhar a capa colorida de uma revista.

Dona Rosa ia aparando as unhas da menina, quando, de repente, estacou surprehendida. Muito séria, tomando-lhe o polegar esquerdo, Dona Rosa mostrou a Helena um pequenino signal branco, que ali tinha nascido.

— E que quer dizer isto, Mamãe?...

— Quer dizer que tu mentiste, minha filha. Este signalzinho é uma denuncia contra o teu coração. Trata, porém, de corrigir-te, e elle desaparecerá. Mas, si continuares a mentir... si mentires ainda...

— ...as minhas unhas ficarão todas brancas, Mamãesinha?!...

— Não. O teu coração é que ficará todo negro, minha filha!...



Travessura do Lúlú

O LÚLÚ subiu, de um salto, sobre a cadeira, e derrubou a bonequinha de louça. A bonequinha que tinha dois olhos azues, como a dona do Lúlú. Sim, senhor, eram como olhos de gente. Só lhes faltava chorar...

O Lúlú desceu da cadeira e foi direitinho olhar os olhos da boneca. Estavam molhados de lagrimas!

E o Lúlú nem viu que aquellas lagrimas tinham cahido dos olhos da sua dona!...

Conselhos a um estudante pobre

Não te inspire revoltas a riqueza...

Ao rico, como ao pobre, a Natureza
mostra os mesmos exemplos de bondade.
Ambos têm alma e coração, no mundo:
— si o pobre é grande, no labor fecundo,
é grande o rico, pela caridade.

Ricos ou pobres, entre bens e apôdos,
faz-se mistér apenas que nós todos
da virtude sigamos os preceitos,
nunca deixando que da Inveja a seára,
que os humanos aos brutos equipara,
floresça, um só instante, em nossos peitos.

Si és pobre, sê feliz em teu trabalho!
Lavrando os campos, manejando o malho,
bemdize o teu destino. Sê risonho!
E, sempre aos teus deveres obediente,
abençôa, num gesto commovente,
todas as almas em que houver um sonho!...



Procissão

A MAMÃE tinha promettido a Nossa Senhora que, si eu sarasse, ia sahir vestida de anjinho na procissão. Fui hontem cumprir a promessa.

A procissão estava muito bonita. Havia muitos anjinhos, de asas brancas, como eu.

E um tão pequenino, que Nossa Senhora ia de braço com elle, no andôr...

No dia dos teus annos...

No dia dos teus annos, todos te deram, Mamãe, lindos presentes. O Papae trouxe da cidade aquella pulseira de pedrinhas azues, que tu levas sempre contigo, todas as vezes que sahimos. A Titia deu-te um gato engraçado, de porcelana, que está sempre quietinho em cima do aparador. A Vóvó deu-te um vestido bonito, todo pintado de bolinhas brancas... A Paulina, cozinheira, trouxe do mercado uma porção de flôres, que comprou para festejar tambem esse dia. E até o "Pery" te fez mais festa, lambendo as tuas mãos e pulando sobre o teu vestido, como si quizesse dizer-te que te quer muito, como nós.

E que te dei eu, querida Mamãe?

Nem joias, nem vestido, nem flôres; nenhum presente como os que tu ganhaste!...

Dei-te, apenas, o meu beijo e a minha alegria.

Bem vês, Mamãe, que ainda sou muito pequenino. Quando eu fôr grande, Mamãe-sinha, eu te encherei a vida de coisas lindas; eu farei que cada dia seja alegre para o teu coração como o dia dos teus annos.

A culpa de Zúzú

ESTOU muito triste!” — dizia, naquela madrugada de Dezembro, o sapatinho esquerdo de Zúzú, puxando os botões do seu inseparável companheiro.

Tinham passado a noite em claro, ao pé da cama, á espera da visita de São Nicoláo, de quem tinham ouvido dizer coisas maravilhosas. Até as onze horas cochilaram um pouco ali, visto que o bom Santo não costuma distribuir assim tão cedo os seus presentes. Logo, porém, que o relógio da sala de jantar batera as onze pancadas, ficaram alerta, numa expectativa de surpresas...

São Nicoláo, entretanto, não apparecera!

— “Estou muito triste!”, repetiu o queixoso.

O sapatinho direito ouviu a lamuria e continuou em silencio.

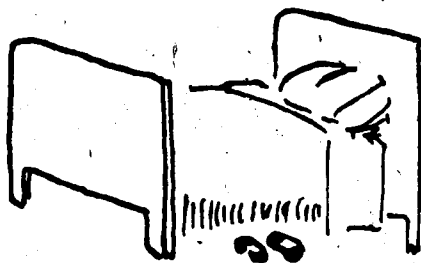
Elle tambem estava muito triste, Que pena não conhecer São Nicoláo!

Que desillusão para a Zúzú, quando se accordasse e visse que não havia dentro delles nenhum presente do velho Santo!...

Que teria feito ella, para não merecer a lembrança com que tanto sonhára? Fôra desobediente, durante o anno, aos seus paes e aos seus mestres?...

Era isso, certamente. Só podia ser isso.

E, tontos de somno, e soluçando o mesmo soluço de tristeza, os dois sapatinhos eram, naquella manhã de Dezembro, as primeiras victimas do máo comportamento de Zúzú!...



A alma das coisas



QUANDO, hontem, te pedi que tivesses cuidado com os teus brinquêdos, tu me perguntaste, queridinha, si elles soffriam, si os quebrasses...

Por que não? Observa, amôrzinho, a tristeza profunda que ha nos olhos de uma boneca sem braços. Porventura, já te demoraste a escutar a queixa de certos brinquêdos esmagados pela tua mãosinha?...

Lembra-te de que ha uma alma occulta em todas as coisas — e, por conseguinte, nos teus brinquêdos tambem.

Não te esqueças de que debes espalhar o bem por onde andares, e de que o mal que fizeres até aos proprios objectos causará pena.

Não basta que sejas amorosa para as criaturas: sê tambem a fada protectora das coisas que te cercam!

Saudade

OLHA, Mamãe, que palavra tão bonita:
Saudade!

Lembro-me de tê-la ouvido, outro dia,
da tua bocca... naquella tarde em que dei-
xaste o Papae na estação e vieste commigo
para casa, muito triste, muito triste...

Parece que adivinho o que ella quer di-
zer, esta palavra tão bonita!...

Que tens, Mamãe? estás chorando por-
que a tua filhinha ignóra ainda o que esta
palavra significa?...

— Não, meu amôr! Estou chorando de
alegria... estou pedindo ao bom Deus que
te faça achar sempre bonita esta palavra!...

A pedra que queria imitar a montanha

(Fábula)

UMA pedra encontrou-se, certa vez, ao pé de uma montanha, e, como se sentisse muito pequenina comparada áquelle colosso, resolveu esticar-se, até alcançar o mesmo tamanho...

— Que tal? perguntava ella a uma pedrinha que lhe estava ao lado.

— Nada!...

— E agora? insistia, fazendo mais força sobre o chão.

— Nem de longe!... — tornou a outra, sorrindo comsigo da pretensiosa.

Esta, porém, não desanimou. E com tanta violencia se firmou no sólo, que ali fez, sem querer, um buraco, onde ficou enterrada para sempre...

* * *

Moralidade: não desejes sinão o que estiver ao teu alcance.

O castigo da Bonequinha de Louça

A BONEQUINHA de Louça e a Bonequinha de Panno encontraram-se, certa vez, no quarto de dormir de uma menina rica.

Encabulada por se achar em tão fidalgo ambiente, a Bonequinha de Panno não dizia palavra, nem sequer se movia, enquanto a companheira, aproveitando-se da ausência da sua dona, andava de um lado para o outro, toda dengosa e olhando com desdém para a pobresinha.

Mas, si ficasse nisso só o desafôro da Bonequinha de Louça...

A um dado momento, não se conteve a orgulhosa, e, parando em frente da humildezinha — que quasi soluçava de tristeza, por haver percebido a maldade da que a insultava — disse-lhe, com pretenciosa ironia:

— “Parece que já era tempo da amiguinha ir pensando em outro destino... Sinto muito, mas isto aqui não é logar para uma coitada como você...”

E batia com a lingua, como gente ruim...

Subito, porém, calou-se, tal si lhe apertassem a garganta.

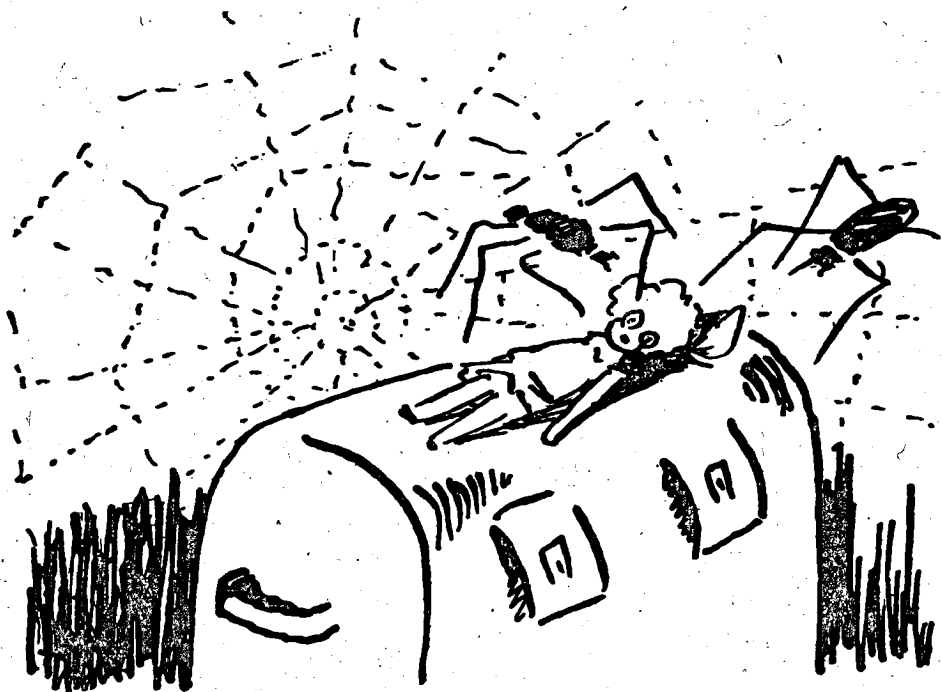
A Bonequinha de Panno moveu a cabeça para o lado onde a outra tagarellava, e ali viu a explicação do seu silencio.

E' que tinha entrado no quarto, pé ante pé, a dona de ambas.

Celina (assim se chamava a pequena) tinha ouvido tudo, pelo buraco da fechadura.

E, como castigo á *Bonequinha de Louça*, a menina dormiu, nessa noite, com a *Bonequinha de Panno*, e escondeu a atrevida dentro de um bahunho velho que havia no fundo da casa...

E as aranhas divertiram-se a noite inteira, arranhando a cara da *Bonequinha de Louça*...



Inverno

RISPIDO inverno. Agora o frio
sacode em tremulo arrepio
a alma de toda a Creação...
A ventania ruge e corta,
e as velhas casas desconforta
onde, de ha muito, é raro o pão...

A noite lembra uma geleira...
Rispido inverno. A terra inteira
sofre tristezas hibernaes...
E ha quanto tempo que isso dura:
dia sem sol e noite escura,
e assim tão fria, além do mais!...

Penso nos pobres sem conforto,
e nos velhinhos de olhar morto,
que, á noite, a gente encontra, ao léo...
E nas crianças — que desgraça! —
pedindo esmolas a quem passa,
pelo Senhor que está no céu...

Rispido inverno. Infrene, o frio
sacode em tremulo arrepio
a alma de toda a Creação...
E a ventania ruge e corta,
e as velhas casas desconforta,
e enche de angustia a solidão...

Mas, dentro em breve, Deus bemdito!
como um consolo do Infinito,
como um carinho redemptor,
a Natureza complacente
ha-de sorrir-nos novamente,
cheia de bençams e calor.

E os pobres velhos sem ventura,
e as criancinhas na amargura,
todos os tristes, afinal,
hão de viver calmos, risonhos,
dentro do lar cheio de sonhos,
sob a alegria tropical!...



A flôr e o poço

(Fabula)

ORA, não havia no mundo um poço mais sujo e mais abandonado do que aquelle. Ficava a trinta leguas do povoado, e só de anno em anno dava-lhe o destino a ventura de ver passar por alli um grupo de peregrinos, os quaes demandavam certa villa longinqua, onde, dizia-se, habitava um monje de santas virtudes e extraordinaria generosidade.

O pobre poço, dia a dia, mais se afeitava na podridão e no abandono, pensando de si para si que melhor fôra seccar e desaparecer, do que continuar encarcerado naquella miseravel e inutil existencia.

E' verdade que a Luz, ás vezes, vinha consolal-o, deitando-lhe sobre o corpo asqueiroso um punhado de reflexos risonhos: mas, aquillo, no fundo, não passava de ironia! Era como quem dêsse a um morphe-tico o mais fino e caprichoso espelho de crystal.

Aconteceu que, á passagem de uma das tropas annuaes, cahiram da mochila de certo peregrino algumas sementes de flôr

res, das que elle levava para presentear humildemente o bom e santo homem.

Dahi a tempos, crescia em torno do poço immundo uma linda arvore florida, junto á qual, entretanto, parecia que a lama se fizera mais negra.

Passando, cansado, por aquellas redondezas, um dos peregrinos parou a contemplar o contraste.

Approximou-se; e, colhendo uma flôr, atirou-a distrahidamente sobre a face paralysada da agua. E proseguiu viagem.

O ridiculo poço, sentindo o contagio das petalas, subito esqueceu-se da sua suja condição ;e, tomado de surprehendente empafia, começou logo a tagarellar para uns homens que vinham chegando:

— “Nós, as flôres...”

* * *

Não te admires, si encontrares na vida algum poço parecido com o desta historia!

A Vingança das Borboletas

ERA uma vez uma menina chamada Luizinha, que tinha o máo costume de perseguir as borboletas. Luizinha contava apenas dez annos de idade, mas eu vos juro que as borboletas não a acreditariam tão criança, vendo-a assim tão perversa para com ellas...

Luizinha era applicada aos estudos e obediente á sua mestra.

Quando voltava da escola, trazia sempre boas notas, o que a todos alegrava: porém, essa alegria logo se desmanchava em tristeza, porque ella não escutava, em casa, os conselhos de sua Mamãe.

Pobres das borboletas que vinham divertir-se com as flôres do seu jardim!...

Em vão, a Mamãe ralhava contra aquillo; em vão, lhe observara o Pae o quanto o magoava semelhante procedimento!

Luizinha não dava treguas ao seu criminoso capricho...

E, um dia, tão cruel se mostrou, que as borboletas enlutadas resolveram reunir-se para deliberar uma vingança.

A reunião encerrou-se com um plano victorioso, que foi levado a effeito naquela mesma noite.

Na manhã seguinte, Luizinha, ao despertar, notou que não estava no seu quarto, com a Mamãe: estava no fundo do quintal, sósinha, entre grandes asas de borboletas, que lhe abafavam os soluços e estremeciam com si fossem milhões de asas moribundas...

Então, Luizinha comprehendeu tudo. Ajoelhou-se, e prometeu a Nossa Senhora que nunca mais maltrataria as borboletas, nem os outros bichinhos.

E foi só assim que conseguiu voltar para a casa dos seus Paes, que, áquella hora, estavam desesperados, á procura da pequena desobediente...

A primeira carta

*H*AVIA uma semana que a Bibi não deixava o Papae almoçar tranqüillo. Mal o via á mesa, corria a puxar-lhe o palitô, a sacudir-lhe as calças bem passadas, até que elle promettesse trazer-lhe da cidade uma caixinha de papel.

Entretanto, o Papae esquecia... esquecia sempre...

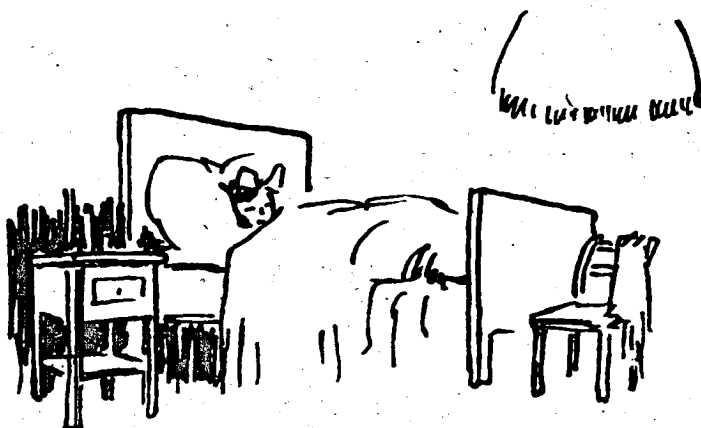
Naquella tarde, porém, o Papae veio da cidade com um pequeno embrulho para a sua filhinha. A Mamãe logo adivinhou o que seria, ao vel-o entrar em casa, tão contente como si trouxesse ali a mais preciosa das joias...

Bibi, assim que viu o papel, começou a gritar, com alegria, para os seus brinquedos:

— “Vocês vão ver como já sei escrever bonito...”

E, correndo para o escriptorio do Papae, escreveu, em grande letras, na primeira folha: BIBI.

E Bibi, naquella noite, adormeceu mais feliz, tendo sob o travesseiro a illusão da sua primeira carta....



Si Você quizesse...

Si Você quizesse,
que lindo domingo eu teria hoje!
Eu iria com Você ao Circo,
e veria o Piolin com aquella bengala
[engraçada]
e aquelle collarinho enorme...
Eu me diverteria, olhando a moça do
[trapezio]
e ouvindo aquellas historias contadas pelo
[palhaço...]
Eu bateria muitas palmas, como os outros
[meninos;]
e, á noite, eu dormiria um somno bom,
um somno de quem teve a Felicidade bem
[perto!...]
Si Você quizesse...
— Você pensa, Papae, que a Felicidade é
[tão difficil!...]

Uma phrase...

LI, já não me lembro onde, uma phrase em que se dizia que o Brasil é — um gigante.

Aquella phrase impressionou-me. Nas historias que a minha ama contava, na fazenda, os gigantes eram, geralmente, crueis: matavam, quando não se contentavam com espalhar o terror por onde apareciam!...

Por isso, na minha memoria, aquella phrase accorda sustos e tristezas.

Gigante...

Mas, para mim, Você, meu Brasil, é tudo quanto ha de mais doce e carinhoso sobre a terra. Você é como um pedaço do céu sobre a terra...

Você não é gigante, não!

Deus não fez Você para metter medo a ninguém...

E é por este motivo que todos, todos, gostam de Você!

A suave presença

TODAS as manhãs, quando desperto, é para ti, irmãzinha, o meu primeiro pensamento.

Durante o dia, tenho os meus livros e os meus brinquêdos, os conselhos da minha mestra e a camaradagem dos meus colegas — mas, entre a lição e o recreio, ha sempre um momento em que te recordo e te bemdigo.

Tu estás no meu coração e no meu sangue.

E, embora já não vivas, irmãzinha! a tua presença põe um sorriso em tudo quanto me rodeia, e illumina e consola os meus dias...

Rêcordação

QUE linda noite, a de hontem, Vóvósinha!

Era em noites assim (lembras-te?...) que tu gostavas de nos contar lindas histórias, á porta da velha casa que ficou lá longe... tão longe, quasi, como tu dos olhos dos teus netinhos!...

Onde quer que estivesses, hontem á noite, devias estar sentindo saudade daquelle tempo, devias estar com vontade de nos contar novamente aquellas histórias, Vóvósinha!

Mas, hoje a lua não appareceu; não brilha no alto o sorriso siquer de uma estrella...

Vóvósinha do coração! desconfio que, esta noite, a lua e as estrellas ficaram dentro do céu, fazendo de teus netinhos...

Ceguinha

GENTE que vae... gente que vem... E a ceguinha de mão para o ar, á espera das esmolas... Todos os dias, é aquella mesma tristeza! Pobre ceguinha! Ella mora distante, numa choça que mal a cobre, mais a sua velha Mãe, unica amiga que tem no mundo. Vêm cedinho para a cidade. Voltam, ás vezes, com a noite, e sem alimento... E dizer-se que ella tem dezoito annos apenas, e é tão linda!...

Alguns param para contemplal-a, por simples curiosidade. A maioria dos transeuntes nem dá por ella. Quanto mais, soccorrel-a!...

Meio dia. A multidão passa apressada para o almoço. Ao longe, apita uma sereia. Os bondes correm arquejantes, indifferentes... A cidade é uma fornalha.

E a ceguinha, de mão para o ar, agradece, nesse instante, a primeira esmola recebida:

— Deus te proteja, meu bom menino!

O papagaio

COMO está longe da terra o teu pequeno papagaio de papel!

Preso ao longo fio de linha, eil-o quasi a tocar as nuvens doiradas, o inquieto e fragil losango... Eil-o visinho do céu, a agitar-se no Azul, ao capricho amavel do vento.

E foste tu que o fizeste subir tão alto. Foi com a ajuda da tua mão que o pequeno papagaio de papel chegou a subir tanto, que quasi toca as nuvens de oiro...

E para tal prodigio bastou apenas um leve fio de linha!

Faze que tambem a tua alma, presa ao leve fio do teu pensamento, possa voar assim alto... tão alto, que vá alem, muito alem daquellas nuvens doiradas...

O torrão natal

TENHO um collega que nasceu numa pequena cidade da França. Elle conta dez annos de idade, e veiu para o Brasil ha trez annos apenas.

Todos os dias, á hora do recreio, elle vae procurar-me para conversar sobre a sua terra. Elle diz que o Brasil é muito bonito, mas que para elle não ha terra que se compare áquella pequena cidade da França. Porque o seu coração pertence áquella cidadezinha.

O torrão de terra em que a gente nasce deve ser, realmente, o mais querido de todos. Para mim, por exemplo, não ha no mundo terra mais linda do que aquella humilde, aquella adoravel cidadesinha em que eu nasci!

Para toda a vida

— **M**AMÃESINHA, eu queria ficar sempre criança... Eu queria caber sempre nos teus braços, Mamãesinha, e que nunca me separassem de ti e dos meus brinquedos! Eu sei que, mais tarde, quando eu crescer, não terei mais os meus barquinhos de papel, nem os meus soldadinhos de chumbo, nem o embalo dos teus braços, Mamãesinha!... Serei forte, corajoso, admirado? Sim, hei de seguir á risca os exemplos de Papae. Mas ficarei triste, pensando no tempo em que adormecia nos teus braços e em que sonhava com os meus soldadinhos e os meus barcos de papel... Ah! Mamãesinha, ensina-me o segredo de ficar sempre criança, como agora.

— Sempre criança, como agora? Isso, dependerá de ti apenas, meu amor.

— E que é preciso, Mamãesinha?

— Que enchas sempre de sonhos... de muitos sonhos o teu coração!

INDICE

	Paginas
Amae, meninos, a escola!	1
Os meus oito annos	3
Historia de Carnaval	4
Onde mora a Felicidade	5
O Ninho	6
Finados	8
O passaro captivo	9
Raciocinio	10
Sabedoria	11
Remorso	12
O Anãosinho e o Gigante	13
Mappa-Mundi	14
As arvores	15
Typos da Rua	17
Destino	19
Cantiga para embalar	20
São Paulo	21
O Lenço de sêda e o Lenço de algodão	22
A lição do perfume	24
Natal	25
O signal da Mentira	26
Travessura do Lúlú	27

	Paginas
Conselhos a um estudante pobre	28
Procissão	29
No dia dos teus annos	30
A culpa de Zízú	31
A alma das coisas	33
Saudade	34
A pedra que queria imitar a montanha	35
O castigo da Bonequinha de Louça	36
Inverso	38
A flôr e o poço	40
A Vingança das Borboletas	42
A primeira carta	44
Si Você quizesse... ..	46
Uma phrase	47
A suave presença	48
Recordação	49
Ceguinha	50
O papagaio	51
O torrão natal	52
Para toda a vida	53
